

Juventude.Br
ISSN 1809-9564

Publicação de divulgação científica do Centro de Estudos e
Memória da Juventude - CEMJ

17ª Edição - Ano 14 - junho de 2019 - 72 páginas

EDITOR

Nilson Weisheimer

EDITOR ASSISTENTE

Euzébio Jorge Silveira de Sousa

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Luana Meneguelli Bonone

CAPA E DIAGRAMAÇÃO

Andrey Leitão

COMERCIALIZAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

Keith Cristine Horta

TIRAGEM

10 mil exemplares

VERSÃO ON LINE IN:

www.cemj.org.br

COMISSÃO EDITORIAL

Euzébio Jorge Silveira de Sousa, Brenda Espindola, Elisângela Lizardo, Luana Bonone, Nilson Weisheimer, Thiago Custódio, Pedro Luiz Teixeira de Camargo

CONSELHO EDITORIAL

André Tokarski, Elisângela Lizardo, Euzébio Jorge Silveira de Sousa, Fabio Palácio, Luana Bonone, Lucas Coradini, Mary Garcia Castro, Nilson Weisheimer.

CONSELHO DIRETOR DO CEMJ

André Tokarski, Carlos Eduardo Siqueira Pinheiro, Elizângela Lizardo, Roberto Daniel Cardoso Landim, Renata Czekay, Aline de Souza Lima, Anderson Bahia, Maria das Neves, Flávia Calé, Monique Lemos, Ismael Almeida Chaves, Euzébio Jorge Silveira de Sousa, Larissa Miho Nishijima, Roberta Soeiro M. Souza, Marcelo Marigliani Arias, Manuela Braga, Bruna Martins, Bruno Baronetti, Beatriz Araújo Lopes Durval, Patrique Xavier de Lima, Victor Henrique Grampa, Ivan Andrade Paixão.

DIRETORIA EXECUTIVA DO CEMJ

Presidente

Euzébio Jorge Silveira de Sousa

Diretora de Planejamento e Patrimônio

Larissa Miho Nishijima

Secretária Geral

Ismael Almeida Chaves

Diretor de Políticas Públicas

Marcelo Marigliani Arias

Diretora de Estudos e Pesquisa

Elisângela Lizardo

Diretora de Memória

Bruna Martins

Diretor de Cultura

Bruno Baronetti

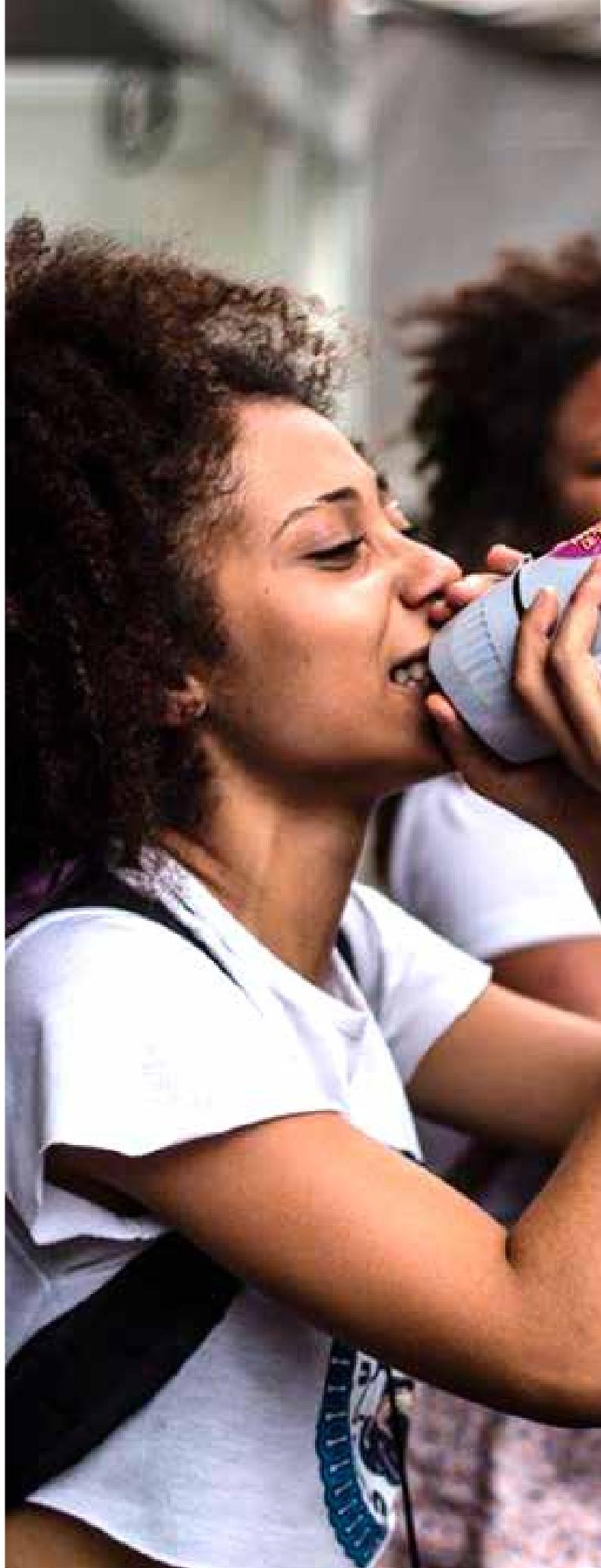
Diretor de Comunicação

Patrique Xavier de Lima

Diretor de Atividades Educativas e Esportivas

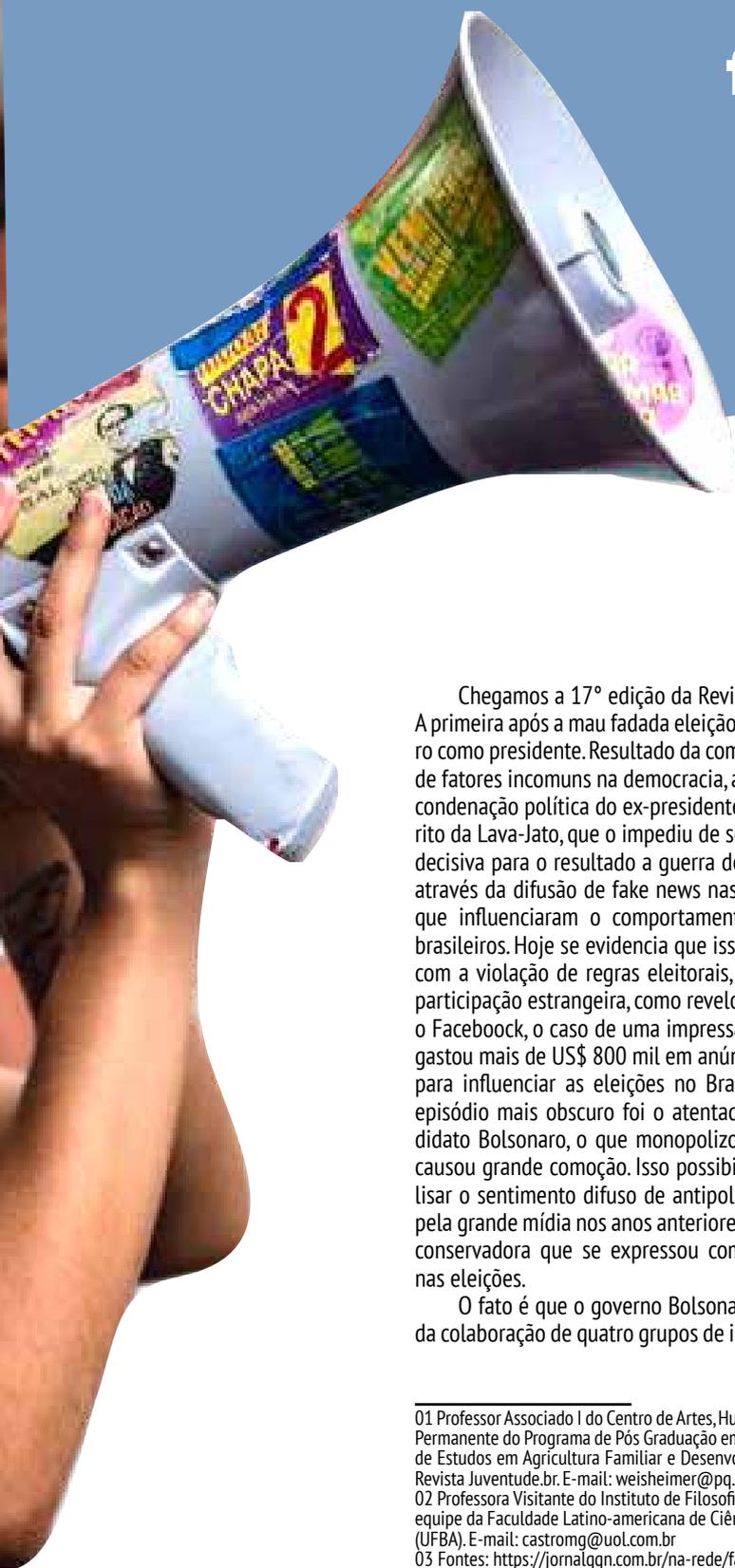
Carlos Eduardo Siqueira Pinheiro

A revista Juventude.Br aceita colaborações que lhe forem enviadas, reservando-se o direito, a critério da editoria e do Conselho Consultivo do CEMJ, de publicá-las ou não. A publicação de um artigo não implica em compromisso da revista ou do CEMJ com o seu conteúdo. As opiniões emitidas são de responsabilidade exclusiva dos autores.



AOS LEITORES

JUVENTUDE E GÊNERO: o poder jovem e feminista enfrenta Bolsonaro



Nilson Weisheimer⁰¹
Mary Garcia Castro⁰²

Chegamos a 17ª edição da Revista Juventude.br. A primeira após a mau fadada eleição de Jair Bolsonaro como presidente. Resultado da combinação sinistra de fatores incomuns na democracia, a começar pela a condenação política do ex-presidente Lula, no inquérito da Lava-Jato, que o impediu de ser candidato. Foi decisiva para o resultado a guerra de desinformação através da difusão de fake news nas redes sociais, o que influenciaram o comportamento eleitoral dos brasileiros. Hoje se evidencia que isso só foi possível com a violação de regras eleitorais, inclusive com a participação estrangeira, como revelou recentemente o Facebook, o caso de uma impressa israelense que gastou mais de US\$ 800 mil em anúncios mentirosos para influenciar as eleições no Brasil.⁰³ Contudo, o episódio mais obscuro foi o atentado contra o candidato Bolsonaro, o que monopolizou o noticiário e causou grande comoção. Isso possibilitou a ele catalisar o sentimento difuso de antipolítica produzindo pela grande mídia nos anos anteriores e surfar a onda conservadora que se expressou como “antipetismo” nas eleições.

O fato é que o governo Bolsonaro é o resultado da colaboração de quatro grupos de interesses distin-

tos: o clã presidencial que combina fundamentalismo pentecostal, fascismo e milícias; o mercado financeiro internacional que quer se apropriar do patrimônio nacional; os militares com seu conservadorismo tecnocrata; e o “partido da Lava-Jato” que visa impor-se em um Estado Policial. Em comum professam o ultraliberalismo, o autoritarismo e a antipolítica. Desde sua posse, o tresloucado capitão vem afrontando cotidianamente as instituições democráticas, a soberania nacional e a dignidade do povo brasileiro. Com a recessão econômica à vista e o desemprego em nível recorde agrava-se a crise social. Sua resposta é uma proposta de reforma da previdência privatista e que se volta contra os mais pobres. Seu governo é incapaz de apresentar um programa de desenvolvimento para o país, porque está a serviço de um projeto neocolonial. Na prática esse antipresidente não demonstra possuir, sequer, a mínima capacidade política e administrativa para governar o Brasil.

Note-se que tal governo vem sendo amparado por ataques a avanços no plano de costumes e dos direitos. Economia política e cultura são combinadas para sustentar retrocessos. Mas, se isso mobiliza as hostes conservadoras, também se ampliam as frentes

01 Professor Associado I do Centro de Artes, Humanidades e Letras, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (CAHL/UFRB). Professor Permanente do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais: Cultura, Desigualdade e Desenvolvimento (PPGCS/UFRB). Líder do Núcleo de Estudos em Agricultura Familiar e Desenvolvimento Rural (NEAF/UFRB) e do Observatório Social da Juventude (OSJ/UFRB). Editor da Revista Juventude.br. E-mail: weisheimer@pq.cnpq.br

02 Professora Visitante do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS/UFRJ). Pesquisadora da equipe da Faculdade Latino-americana de Ciências Sociais (FLACSO), Sede Brasil. Professora aposentada da Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: castromg@uol.com.br

03 Fontes: <https://jornalggn.com.br/na-rede/facebook-identifica-empresa-israelense-que-espalhou-fakenews-nas-eleicoes-brasileiras/>; <https://www.apnews.com/7d334cb8793f49889be1bbf89f47ae5c>

de resistência.

Bolsonaro escolheu como seus inimigos principais os trabalhadores, as mulheres, os jovens, os negros, os povos originais, as pessoas LGBTQTT+. Faz questão de demonstrar seu desprezo pela educação, a ciência e a cultura. Sabe que enfrenta desses setores uma crescente resistência, estando aí o núcleo social capaz de atrair segmentos ainda mais amplos para derrota-lo. Na vanguarda os estudantes já sentenciam: “Bolsonaro é inimigo da educação e sentirá a força das ruas!”

Na linha de frente das mobilizações contra Bolsonaro se destacam as jovens mulheres. Elas protagonizam a transformação da dor, provocada pela exploração capitalista, agravada pela opressão do patriarcalismo e a violência do machismo, em força rebelde e impulsionadora de um novo feminismo: emancipacionista, libertário e com projeto socialista.

A emergência dessa nova geração de feministas, muitas delas estudantes, negras, de distintas orientações sexuais e das periferias urbanas provoca muito medo em Bolsonaro e sua turma. Por isso eles recorrem à desinformação, a mistificação e propagação de notícias falsas como formas de promoverem uma guerra moral contra o que classificam como “ideologia de gênero”. Essa, sim, uma falsificação ideológica que encontram respaldo em especial de fundamentalismos de cunho religioso. Ora a codificação de gênero como ideologia, omite o reconhecido acervo de produções científicas, pesquisas e inclusive a complexidade do campo, que não se resume a uma só orientação.

As relações sociais de gênero não se estabelecem apenas no mundo das ideias, como representação ideológica da realidade, mas opera principalmente no mundo material, na distribuição desigual de bens socialmente valorizados e nas práticas sociais que produzem e reproduzem as desigualdades entre homens e mulheres e os tidos como tais. As categorias de público e o privado, assim como os processos sociais de constituição das classes, codificações de raça/etnicidade e de sexualidade e gênero são acionados para reproduzir desigualdades socio-sexuais, vêm sendo também acionados para respostas de rebeldias, de forma criativa em especial por mulheres jovens “antenas” com tais antagonismos.

É nesse contexto que a Revista Juventude.br publica o Dossiê Juventude e Gênero, organizado por Mary Garcia Castro e Nilson Weisheimer. Essa edição vem contribuir para revelar como se manifesta entre as e os jovens as desigualdades de gênero no Brasil atual; problematizar como se processam os mecanis-

mos de sua reprodução; as formas de enfrentamento das jovens mulheres às desigualdades de gênero, assim como à emergência de feminismos com novas propostas, que vai além de campos identitários, enfrenta poderes macro e micro organizados, um um feminismo de nova geração.

Iniciamos o dossiê com o artigo de Mary Garcia Castro “Questionando Gênero como Ideologia: juventudes no Brasil e direitos sexuais e reprodutivos”, que desmistifica a ideologia de gênero como uma perspectiva sexista que nega o direito ao debate sobre sexualidade nas escolas. Como seu contraponto, gênero como uma categoria sociológica envolve uma perspectiva muito mais complexa que contribui, tanto para debate sobre direitos das mulheres e combate a vários tipos de violências, quanto para remodelação de projetos que afetam todas e todos. Na sequência o artigo de Mirian Teresa de Sá Leitão Martins “Estamos nas Redes Fomos às Ruas” aporta uma análise sobre o revigoramento do feminismo e na construção da identidade entre a juventude por meio de uma atualizada revisão da literatura que destaca a importância das plataformas digitais para divulgação das pautas de movimentos de mulheres emergindo um feminismo plural. Esse tema é também abordado por por Miriam Abramovay e Mary Garcia Castro em “Quarta onda ou um Feminismo Maremoto? Significados do #EleNãO nas ruas do Brasil”. Tendo como foco as manifestações que ocorrem no Brasil em 29 de setembro de 2018 contra a então candidato Jair Bolsonaro, organizadas por mulheres e que ficou conhecida como #EleNãO. Também destacam múltiplas formas do feminismo e a sua possível convergência para uma crítica sistemática ao capitalismo, valendo-se também do corpo como porto/alavanca simbólica. O debate de gênero envolve múltiplas abordagens sobre sexualidade. Selma Reis Magalhaes aborda esse aspecto em “As Fronteiras Sexuais e os Esquemas Classificatórios: no contexto social nasce o corpo homoerótico”, resultado de pesquisa sobre juventude gay e seus projetos de vida familiar, com inclusão da paternidade. Pesquisa desenvolvida entre os anos de 2012 a 2015 em escolas públicas de periferia da cidade de Salvador. Em “A Inquisição do Gênero e das Sexualidades nas Políticas Públicas de Educação”, Karine Nascimento Silva apresenta percurso histórico das questões de gênero e das sexualidades nos documentos que tratam das políticas educacionais no Brasil, tendo o recorte na década de 30 até os dias atuais. Ainda abordando a questão da educação sexual “Educação Sexual: as motivações a partir do gênero dos jovens” de Ana Lucia

Barreto da Fonseca e et al, observou a partir das respostas comportamentais de 24 adolescentes de 14 a 17 anos durante uma ação educativa a necessidade de mais investimento em processos de educação sexual para essa parcela da sociedade. Os dois artigos seguintes tratam de aspectos relativos à socialização de gênero entre jovens rurais e da agricultura familiar. Em “As ‘Ajudas’ Prestadas à Família no Meio Rural: significados do trabalho e da educação escolar para moças e rapazes, Catarina Malheiros da Silva se propõe a compreender os significados do trabalho na roça para os/as jovens confirmando que o processo de socialização das e dos jovens acontece a partir da definição dos lugares de rapazes e moças nos espaços da casa e do roçado. Por sua vez, Edilania de Paiva Silva e Emanuela Oliveira C. Dourado, no artigo As Relações Sociais de Gênero entre os e as Jovens Estudantes do Campo: identidades e masculinidades, demonstram como jovens estudantes do meio rural buscam a afirmação e expressão de suas identidades culturais, apontando à escola a necessidade de repensar suas práticas pedagógicas. O modelo de masculinidade presente entre adolescentes é discutido por Gabriel Tirre Moreira em “É Preciso dar a Vida”: a exaltação do masculino através do futebol”. Para fechar o dossiê trazemos a resenha do livro de Heloisa Buarque de Hollanda, Explosão Feminista: arte, cultura, política e universidade, que foi escrita pela professora Batriz Resende especialmente para essa edição da Revista Juventude.br.

A Revista Juventude.br traz ainda nessa edição uma entrevista com Marianna Dias, Presidente da União Nacional do Estudantes (UNE). Ela fala sobre os desafios atuais do movimento estudantil, sobre o papel das jovens mulheres na atualidade e ainda sobre as recentes mobilizações em defesa das universidades públicas contra os cortes na educação.

O Centro de Estudos e Memória da Juventude agradece a todos os leitores, autores e colaboradores da Revista Juventude.br e reafirma seu propósito de contribuir para difusão de conhecimento científico e multidisciplinar sobre a realidade da juventude brasileira. Particularmente com essa edição, buscamos contribuir para que se possa compreender e enfrentar as desigualdades de gênero, o machismo, a homofobia e outras formas de discriminação sexista, sem apartar tais temas de outras questões de relevância nacional. Debate, esse, indispensável para empoderar as jovens e fortalecer os grupos juvenis. Tenham todas e todos uma boa leitura!